Aula 8

A PROBLEMATIZAÇÃO DA IDENTIDADE EM *QUARUP* DE ANTÔNIO CALLADO E EM *VIVA O POVO BRASILEIRO*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

META

Apresentar e discutir o tema da identidade nacional nos romances *Quarup*, de Antônio Callado e *Viva o Povo Brasileiro* de João Ubaldo Ribeiro

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Conhecer e discutir a problematização da identidade nacional nos romances: *Quarup* e *Viva o Povo Brasileiro*; Discutir os aspectos ideológicos e culturais relativos à questão da identidade nacional.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura prévia das aulas de Literatura Brasileira III - EAD-CESAD e as aulas anteriores deste curso.

José Costa Almeida

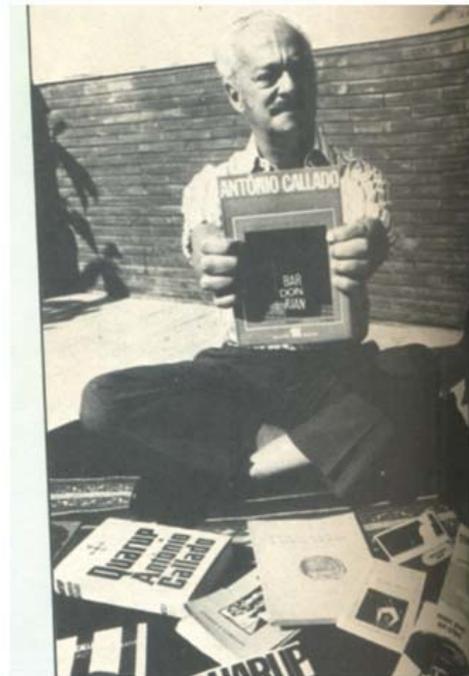
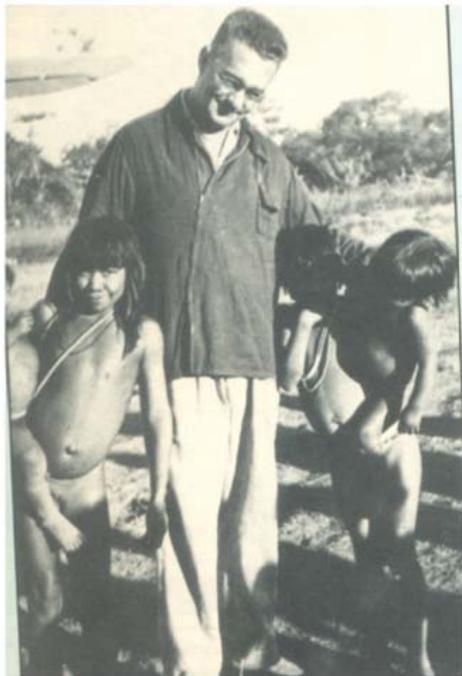
INTRODUÇÃO

Caros alunos,

A questão da nacionalidade está estreitamente ligada a formação histórica de um povo, de um país. Os elementos étnicos que contribuíram para o surgimento de uma nacionalidade marcam profundamente a cultura de um país. A literatura tem se constituído ao longo da história num espaço privilegiado para a discussão desse tema. Devemos ao Romantismo a criação de uma identidade mais imaginária e idealizada do que real. Os romances de José de Alencar fizeram nascer um brasileiro fruto de duas raças: *A Branca* (Martim, Ceci) e a *Indígena* (Peri, Iracema), o negro não foi considerado elemento formador da raça brasileira, por motivação ideológica. E a questão sempre foi tema literário. *Macunaíma* e tantas outras obras literárias debateram o problema da identidade.

Os dois romances que serão estudados nesta aula – *Quarup* e *Viva o Povo Brasileiro* trazem à tona as complexas questões que envolvem a busca de uma identidade nacional.

ANTÔNIO CALLADO (1917-1997)

Viveu em Londres nos anos da 2a guerra mundial (1941-1944), como jornalista da BBC. Essa experiência influenciou a sua escrita despojada e irônica de matiz anglo-saxônica. Publicou as obras: *Assunção de Salviano* (1954), *A Madona de Cedro* (1957), *Quarup* (1967), *Bar Don Juan* (1971), *Reflexos do Baile* (1976), *A Expedição Montaigne* (1982), *Sempreviva* (1984), etc.

Fotos de Antônio Callado. (Fonte: *Nosso Século*. SãoPaulo: Abril Cultural. vol. 5).

A PROBLEMATIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM QUARUP.

Essa narrativa que conta a viagem de uma expedição, composta *heterogeneamente*, em direção ao centro geográfico do Brasil, reintroduz no cenário cultural do país o debate sobre a identidade do povo brasileiro. Vamos ler um trecho do ensaio de Tânia Franco Carvalhal sobre a obra:

> O movimento de interiorização geográfica empreendido pelo grupo, numa espécie de processo de autoconhecimento, diz-nos sobre a procura do que seria autóctone, preservado ainda em estado puro, primitivo, livre da contaminação exterior e, por isso, capaz de definir a identidade nacional. Por outro lado, a tentativa de demarcar um início com a fundação de um Centro, de onde se originaria um movimento contrário, de irradiação dos valores preservados para a periferia, quer indicar, de certo modo, o andamento centrífugo de afirmação cultural, atuando de dentro para fora. De forma alegórica, a narrativa intenta "pensar o Brasil" ou pensar a entidade nacional em seu modo de ser político e cultural, por meio do relato de várias iniciativas, como o projeto romântico do Padre Fernando, que, ao constituir a prelazia do Xingu, pensava "criar de novo o Império Romano a partir de um Império de bugres, com sede no Brasil", ou ainda a tentativa do sociólogo Lauro de formular "uma teoria psicológica sobre o indígena como formador da mentalidade brasileira". (O PRÓPRIO E O ALHEIO NO PERCURSO LITERÁRIO BRASILEIRO. IN: *O PRÓPRIO E O ALHEIO: ENSAIOS DE LITERATURA COMPARADA*).

Como vimos nessa citação, cada integrante da expedição tem uma explicação para o Brasil e para sua identidade, e cada um possui também um projeto para transformar o país. O romance se constitui num espaço de confrontos ideológicos que demonstra a complexidade que envolve o tema. O Brasil é um país multiracial, multicultural e de dimensões continentais, o que torna ainda mais difícil esse debate.

Esse romance foi publicado em 1967, em plena ditadura militar. Seu enredo abrange um período de 10 anos: da morte de Getúlio Vargas ao golpe militar de 64. Romance profundamente engajado no embate de ideias e que reflete os conflitos sociais da época, funcionando como um microuniverso em que as grandes questões repercutem e são debatidas e até vivenciadas por seus personagens.

A figura do padre Nando é bastante representativa desses embates. Os episódios de sua vida são representações fictícias e individualizadas dos problemas nacionais.

Os principais fatos do enredo se conectam com Nando. A narrativa se estrutura em sete blocos-capítulos. O padre Nando está vivendo num

convento, em Recife, insatisfeito com sua situação de cúmplice de valores ultrapassados em que não mais acredita. Ele resolve fazer uma viagem ao Xingu e lá fundar uma prelazia. Aberto a novas experiências, se droga com éter. Em contato com os índios, ajuda na preparação de uma grande festa em comemoração da criação da reserva do Xingu – com a presença anunciada do presidente Getúlio Vargas – que se suicida por esse tempo e frustra os festejos e os sonhos do indigenista Fontoura e dos indígenas. Nessa festa seria representado o ritual do Quarup. Uma expedição de que participam Nando, Francisca (viúva de um esquerdista morto pela polícia) – Fontoura (defensor dos índios), Ramiro Castanho (médico – diretor do Serviço de Proteção ao Índio), o sociólogo Lauro. Esses viajam ao interior do Brasil em busca do seu centro geográfico. Personagens pensam o Brasil de maneira diversa e até contraditória.

> Mas não existe a menor semelhança entre as nossas respectivas posições. Ramiro queria um Brasil afrancesado, engalicado. Eu quero um Brasil brasileiro de verdade liderando o mundo, um Brasil nosso, mulato. Nossa existência ocorre fora de nós mesmos. Somos alienados, como dizem os comunas. De Pedro II a Marta Rocha vivemos embebidos na contemplação de caras estrangeiras. Precisamos de mulatas em nossos selos, nos monumentos públicos, nas notas de dinheiro.

Esse é um comentário do sociólogo Lauro. O centro geográfico é encontrado. Fontoura morre nele – uma morte simbólica, repleta de significados ideológicos e políticos. Nando conhece a plenitude do amor em seu relacionamento sexual com Francisca – num campo de orquídeas. Nando volta a Recife, é preso e torturado. Dedica-se ao apostolado do amor, do prazer erótico. É preso mais uma vez. Libertado, engaja-se na luta armada.

Essa história revela um ser em constante conflito interior, sempre em busca do conhecimento e de novas experiências individuais e sociais. Nando é o Brasil que procura uma identidade em meio a uma diversidade racial e cultural. Onde está o verdadeiro Brasil: na pureza da vida nos espaços não contaminados pela cultura imposta pelas potências estrangeiras? Ou na parte do país que reproduz os ideais de civilização europeia?

Nando é um personagem que está sempre disposto a enfrentar os obstáculos, tomando iniciativas de maneira corajosa, olhando sempre para o futuro.

A professora Tânia Franco Carvalhal sintetiza assim a relação entre *Quarup* e o Contexto Histórico:

> A narrativa de Antônio Callado associa o drama individual dos

> personagens à história cultural do país e à dramática situação política da época e acaba expressando o impulso nacionalista de um certo momento histórico, marcado pelo antiimperialismo e pela reação contra a importação de valores culturais. Em sua intenção de pensar o Brasil inclusive numa dimensão cultural, a narrativa contrapõe personagens que têm concepções político-culturais divergentes e assumem por isso mesmo atitudes antagônicas. (CARVALHAL – O PRÓPRIO E O ALHEIRO. ENSAIOS DE LITERATURA COMPARADA. P. 128)

Como podemos perceber pelas citações e comentários explicativos, a trajetória do personagem protagonista é uma encenação dos acontecimentos dos valores e dos desafios do Brasil, na década de 60.

Podemos interpretar a viagem ao centro geográfico como uma busca de identidade e de conhecimento.

A PROBLEMATIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM *VIVA O POVO BRASILEIRO* DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

O autor nasceu na ilha de Itaparica – Bahia, em 23 de janeiro de 1943. publicou as seguintes obras: *Setembro não tem Sentido*, 1962; *Sargento Getúlio* , 1971; *Vencecavalo e o Outro Povo*; *Vila Real*, 1979; *Livro de História*, 1981; *Viva o Povo Brasileiro,* 1984; *Sempre aos Domingos*, 1988; *O Sorriso do Lagarto*, 1989; *Já Podeis da Pátria Filhos*, 1981, e muitas outras obras.

O romance percorre diferentes fases da história do Brasil. Em seu longo percurso por três séculos de formação da nação, contempla os principais episódios: A Invasão Holandesa, As Lutas pela Independência, A Guerra do Paraguai, Guerra dos Farrapos, a Campanha de Canudos, Abolição da Escravatura etc. Nessa narrativa, se alternam vozes com perspectivas diferentes, contraditórias sobre os fatos narrados. Temos nesse romance uma polifonia nem sempre harmoniosa, mas profundamente questionadora dos discursos monolíticos das classes dominantes. A cultura dos negros é tratada de maneira democrática, nessa sinfonia não há notas privilegiadas. O autor consegue produzir um romance que é uma reescritura da história brasileira, usando a parodia e a ironia para desmascarar as ideologias camufladas nos discursos oficiais sobre acontecimentos e principalmente sobre a identidade nacional.

Vamos acompanhar a apresentação da obra na contracapa da edição de 1984.

> Para desfiar sua narrativa, que abrange mais de três séculos, o autor se valeu de um recurso ao mesmo tempo metafórico e explícito.

Metafórico porque o povo do Recôncavo Baiano, principal personagem do romance, pode ser visto como uma metáfora do povo brasileiro em geral. Explicito porque com isso se evidencia para o leitor um dos mais belos "motivos" deste romance: a visão do sentimento de identidade entre os brasileiros, mesmo entre os que só sabem da existência de seus irmãos distantes de uma maneira vaga e nebulosa, toldada pelo desconhecimento e pela ignorância.

TEXTO 1

Mas, vejamos bem, que será aquilo que chamamos de povo? Seguramente não é essa massa rude, de iletrados, enfermiços, encarquilhados, impaludados, mestiços e negros. A isso não se pode chamar um povo, não era isso o que mostraríamos a um estrangeiro como exemplo do nosso povo. O nosso povo é um de nós, ou seja, um como os próprios europeus. As classes trabalhadoras não podem passar disso, não serão jamais povo. Povo é raça, é cultura, é civilização, é afirmação, é nacionalidade, não é o rebotalho dessa mesma nacionalidade. Mesmo depuradas, como prevejo, as classes trabalhadoras não serão jamais o povo brasileiro, eis que esse povo será representado pela classe dirigente, única que verdadeiramente faz jus a foros de civilização e cultura nos moldes superiores europeus – pois quem somos nós senão europeus transplantados? Não podemos perder isto de vista, deixando-nos cair no erro abismal de explorar nossas riquezas e nossa virtual grandeza para entregá-las a esse tal povo, que, em primeiro lugar, não saberia como gerir tão portentosa herança, logo a aviltaria, como sabe, aliás, quem quer que já tenha tentado dar conforto e regalias a escravos e servos, pois não atinam com o que fazer desse conforto e dessas regalias.

– Lá isto é verdade. Dá-se a esse povinho alguma coisa...

– É o que digo, meus caros senhores. É preciso ver com clareza, com lógica, sem pieguismos. Temos diante de nós talvez a mais hercúlea tarefa já posta diante do homem civilizado. E, praza aos Céus que esteja errado, é nisto que se fundam meus receios quanto ao futuro. E no medo de que deixemos o Criador fazer sua parte e não façamos a nossa, é disto que tenho medo. Que somos hoje? Alguns poucos civilizados, uma horda medonha de negros, pardos e bugres. Como alicerce da civilização, somos muito poucos, daí a magnitude de nosso labor. Mas, no que depender de mim, e tenho certeza de que dos senhores também, o Brasil jamais se tornará um país de negros, pardos e bugres, não se transformará num valhacouto de inferiores, desprezível e desprezado pelas verdadeiras civilizações, pois aqui também medrará, mercê de Deus, uma dessas civilizações.

– Já pensou o compadre alguma vez na política? Olha que, com verbo tão fácil e razões tão claras...

– Não, não, odeio a política, sou um homem perfeitamente apolítico.

Meu trabalho dá-se em outras linhas que não as da política. Que me perdoem os políticos, nada tenho contra eles, mas a sujidade da política, se me permitem a rudeza da expressão, me enoja. Não, não, prefiro ficar em meu canto, como o membro mais humilde das classes produtoras, fazendo por onde ampliar a riqueza concreta do meu país, é tudo o que quero. Não ambiciono – e Deus me guarde de ambicioná-lo – o poder.

TEXTO 2

Não se deve esposar um determinismo rígido quanto a essas questões, pois fatores outros, tais como a raça, desempenham papéis cruciais, mas a verdade é que a clara definição do ano em quatro estações distintas é civilizada e civilizadora. As nações como o Brasil, em que praticamente só existe inverno e verão, imperando a mesmice de janeiro a dezembro, parecem fadadas ao atraso e são abundantes os exemplos históricos e contemporâneos. Até culturalmente, as variações sazonais se revestem de enorme importância, eis que forçam a diversificação de interesses e atividades em função das alterações climáticas, de modo que os povos a elas expostos têm maior gama de aptidões e sensibilidade necessariamente mais apurada. Além disso, o frio estimula a atividade intelectual e óbvia à inércia própria dos habitantes das zonas tórridas e tropicais. Não se vê a preguiça na Europa e parece perfeitamente justificada a inferência de que isto se dá em razão do acicate proporcionado pelo frio, que, comprovadamente, ao causar a constrição dos vasos sanguíneos e o abaixamento da temperatura das vísceras luxuriosas, não só cria condições orgânicas propícias à prática do trabalho superior e da invenção, quer técnica, quer artística, como coíbe o sensualismo modorrento dos negros, índios, mestiços e outros habitantes dos climas quentes, até mesmo os brancos que não logrem vencer, pela pura força do espírito civilizado europeu, as avassaladoras pressões do meio físico. Assim, enquanto um se fortalece e se engrandece, o outro se enfraquece e se envilece.

TEXTO 3

Leléu continuou preocupado, ficou com ciúme, armou até umas brigas feias. Que diabo era aquilo, que vida era aquela, que ela estava levando? Se negro já não era considerado família, família de negro já era senzala e amancebamento, como esperar que ela jamais nunca em nenhum tempo fosse considerada moça de família, continuando a agir assim? Aprendera o que era uma moça de família, estudando com aquela velha coroca, ou não aprendera? Tudo indicava que não, pois apontasse uma só moça de família que tivesse aquelas conversas, tivesse aquelas idéias, tivesse aquelas atitudes, se acompanhasse de negros pretos desqualificados, não aproveitasse para melhorar a raça e preferisse, em vez de sair dos pretos, voltar aos pretos? Nascer preto, tudo certo, não se pode fazer nada. Mas querer ser preto?

Quem é que pode querer ser preto? Mostrasse um que, podendo, não ficasse tão branquinho quanto uma garça! Como é que a pessoa pode aproveitar para procurar deixar de ser preta e não aproveita?

– Eu nunca vou deixar de ser preta, voinho.

– E tu é preta? Não és preta, senão mulata, mulata de olhos verdes, e muitas menos bem parecidas, muitas muitíssimo menos bem parecidas, hoje são quase-quase brancas, são consideradas, estão arrumadas na vida. Eu mesmo sei de muita gente bem raceada, mas bem raceada mesmo, que hoje é branca, atingiu as posições, tem importância na vida. E tu, que pensa tu? Pensa em saber quem foi Dadinha – eu sei lá quem foi Dadinha! –, pensa em...

TEXTO 4

Gostaria também de dizer que estava feliz, mas não estava, não por si, mas por eles. Por si só, estaria feliz, mas isso naturalmente não é possível. Não estava feliz, porque fazia cem anos e o povo brasileiro ainda nem sabia de si mesmo, não sabia nada de si mesmo! Compreendiam o que era isso, não saber de si mesmo? Não, pensavam que compreendiam, mas não compreendiam e ainda sofreriam muito antes de compreender, por isso ele não estava feliz. Não estava feliz nem mesmo com o ofício que escolheram por ele mas depois se tornou parte sua, isto porque jamais tinha conseguido ser um soldado brasileiro — quase gritou, com a voz, apesar de sumida, tremendo de emoção —, um verdadeiro soldado brasileiro, um soldado do povo, um soldado com o povo, um soldado que não mande no povo mas seja parte do povo, um soldado que não mate o povo mas morra pelo povo, um soldado que mereça a estátua, a lágrima, a lembrança, os corações, um soldado que não odeie mas ame, um soldado que não queira ensinar mas aprender, um soldado que se envergonhe diante da fome e da opressão, um soldado que se envergonhe de ser policial do governo contra o povo, um soldado que não esbanje inutilmente sua bravura, lutando em vão, morrendo em vão e, o que é pior, matando em vão, combatendo contra si mesmo, dando a vida para que seu povo continue a perdê-la. Mas não conseguira ser esse soldado, por mais que o fosse, como muitos outros antes ou depois dele não conseguiram, conseguiram apenas sofrer muito, geralmente num silêncio mais doloroso que as feridas das guerras.

Vamos ler analiticamente esses trechos que expõem de maneira clara posições ideológicas de personagens representativas das classes dominantes e uma voz discordante.

No primeiro trecho, o pensamento do Sr. Amleto, ex-funcionário do barão de Pirapuama, que enriqueceu roubando os bens do patrão e em negociatas escusas, é exposto por ele mesmo. Essa é a ideia que setores da

elite têm sobre o povo. As classes que trabalham não representam, nem constituem o povo brasileiro. Ele se fundamenta nos que pensam como "europeus transplantados". A vocação do Brasil, nessa perspectiva, é ser um espelho da civilização colonizadora. Uma sua reprodução.

No segundo trecho, o pensamento de Bonifácio Odulfo é revelado pela voz do narrador que adota a focalização interior para expressar reflexões e ideias do personagem. Quem é ele? É um dos filhos do grande comerciante Amleto de quem herda a fortuna, as práticas ilícitas e a ideologia. A tese defendida por ele é absurda e extravagante: o Brasil jamais será um país desenvolvido e civilizado porque não possui as quatro estações, claramente definidas como nos países do hemisfério norte. A preguiça do brasileiro é determinada pelo clima quente, assim como sua incontida e desenfreada sexualidade. O personagem faz essas reflexões em Lisboa – ao contemplar construções históricas e ao observar o refinamento dos palacetes e dos costumes lisboetas.

No terceiro trecho, o personagem Leléu, um negro que assimilou perfeitamente a ideologia da superioridade da raça branca, reflete sobre as atitudes e os pensamentos de sua neta de criação Maria da Fé, a futura guerrilheira Dafé. Ele não consegue entender como sua neta assume a sua negritude. Como ela se preocupa em desvendar os segredos de sua origem, as tradições e crenças de seus antepassados.

No quarto trecho, o narrador focaliza os pensamentos do personagem Patrício Macário que está completando cem anos de vida. Ele também é filho, do já citado Amleto e, portanto, irmão de Bonifácio Odulfo. Patrício foi um menino rebelde e turbulento e que só foi domado quando serviu no exército. Participou da perseguição à guerrilheira Dafé, de quem ficou prisioneiro por alguns dias, e da guerra do Paraguai. Sua participação nessa guerra, ao lado de soldados negros, mudou o seu modo de pensar. Transformou-se num crítico de escravatura e do governo imperial. Essa mudança acarreta dificuldades para sua carreira militar, mas com a república ele é compensado com o generalato. Também se indispõe com o novo regime que em nada altera as condições de vida do povo e, principalmente, dos negros recém libertados. Tem um segundo encontro com Dafé e compreende suas ideias e sua luta. Se relaciona sexualmente com ela e um filho é gerado: Lourenço. Pai e filho se conhecem quando este já é adulto.

Patrício Macário talvez seja o personagem mais complexo e representativo desse romance. Ele simboliza o brasileiro esclarecido e consciente que conhece os problemas do país, abandona sua classe de origem e se torna um militante em busca de uma identidade nacional.

Nesse fragmento, as reflexões de Patrício atingem exatamente a instituição a que pertence: o exército. Sonha ele com um novo tipo de soldado que não mande no povo, nem o ameace, mas que seja parte dele. "Um soldado que não mate o povo mas morra pelo povo".

Como vimos nesses trechos transcritos várias perspectivas sobre a

questão da identidade brasileira são expostas. Vozes conflitantes se alternam em todo o romance. Nesse aspecto é possível classificá-lo como uma narrativa polifônica.

Para concluir esse nosso comentário vamos citar dois trechos de um estudo da professora Liliam Ramos da Silva sobre o romance em estudo:

> A contraposição a este pensamento hegemônico traduz-se na mudança de perspectiva de Patrício Macário, irmão de Bonifácio Odulfo amante de Maria da Fé. Essa personagem seria o elo da ligação entre a cultura europeia e a cultura brasileira, uma personagem híbrida, transculturada, que inicia a narrativa como um soldado do exército que luta contra o povo, mas que, na medida em que vai convivendo com a camada popular, revê seus conceitos de Nação. Após ter sido prisioneiro de Dafé, de ter convivido com Zé Popó na guerra do Paraguai e de presenciar uma cerimônia africana na Capoeira do Tuntum com recebimento de entidades, há uma reviravolta de pensamento que o aproxima de suas origens africanas.
>
> Nesse aspecto, *Viva o Povo Brasileiro* consegue captar o espírito brasileiro em todas as suas nuanças. A (re)construção de uma nação brasileira através da literatura se dá através do resgate de histórias, cenários, imagens, símbolos e rituais nacionais sem exagerar na cor local, onde João Ubaldo apela às aparições, metamorfoses, transes profundos e outros efeitos, mas também possui o propósito de problematizar a racionalidade da tradição europeia em confronto com tais elementos simbólicos da cultura africana, mesclando história e ficção em torno do mito fundacional da nação. (O RECONTAR DA HISTÓRIA EM VIVA O POVO BRASILEIRO. LILIAM RAMOS DA SILVA – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/UFRGS)

ATIVIDADES

1. Releia toda a aula, compare as citações dos romances com as citações de textos analíticos e produza um texto de dez linhas, sintetizando as ideias e os posicionamentos neles encontrados.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Vocês vão encontrar nos comentários já feitos, esclarecimentos suficientes para orientá-los nessas atividades.

CONCLUSÃO

Estudamos nessa aula dois importantes romances brasileiros que *tematizam* o problema da identidade nacional. Cada um adotando um percurso literário próprio e inconfundível. Em *Quarup*, Callado constrói um texto alegórico em que episódios da vida individual dos principais personagem significam problemas, embates, desafios enfrentados pelo país, pelo povo brasileiro. Conhecemos um personagem – Nando – que encarna a vontade de uma população em conhecer-se como povo, como nação. Ele está sempre disposto a recomeçar. Bem intencionado e pião. Em *Viva o Povo Brasileiro*, encontramos uma exposição da ideologia das diferentes classes, raças e agrupamentos sociais. Vislumbramos um complexo processo de citações de discursos oficiais e sua desconstrução através da parodia e da ironia. Sua textualidade fragmentada pode ser lida a partir da ótica pós-moderna e da pós-colonial.

RESUMO

Nesta aula, pudemos conhecer algumas reflexões realizadas em obras fictícias sobre a complexa e controvertida questão da identidade nacional. Mostramos que as obras literárias desempenham uma importante função cognitiva – a de desvelar o que está camuflado em outros discursos, o de fazer os leitores refletirem sobre si mesmos e sobre sua condição de cidadão. Vimos como *Quarup* e *Viva o Povo Brasileiro* expressam em ficção as grandes questões nacionais. Eles são reescrituras de realidades históricas e de sonhos frustrados do nosso povo.

PRÓXIMA AULA

A narrativa pós-moderna de autoria feminina.

AUTOAVALIAÇÃO

- Adquirir conhecimentos suficientes para me pronunciar corretamente sobre a temática, nesta aula estudada?
- Sou capaz de produzir um texto sobre a relação entre obra literária e realidade histórica?

REFERÊNCIAS

CALLADO, Antônio. **Quarup**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967. (Citado do livro de Tânia F. Carvalhal).

CARVALHAL, Tânia Franco. **O próprio e o alheio. Ensaios de literatura comparada.** São Leopoldo – RS: UNISINOS, 2003.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Liliam Ramos da. **O (re)contar da história em viva o povo brasileiro.** Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS.